Rio de Janeiro, Dezembro de 1958

ANO 13 — N.º 131

AÇÃO DIRETA

LUTAMOS CONTRA TODAS AS FORMAS DE TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO E DE OBSCURANTISMO, E EM PROL DE LIBERDADE E BEM-ESTAR PARA TODOS.

Redação:
Avenida 13 de Maio, 23 — 9.º andar — Sala 922

CORRESPONDÊNCIA:
Caixa Postal, 1 — Agência da LAPA — RIO DE JANEIRO

AVULSO: CR$ 3,00
Assinatura anual ..... Cr$ 50,00

REVOLTA DAS ENXADAS

De P. FERREIRA DA SILVA

Tem havido certo alvorôço com o movimento dos lavradores de alguns Estados, que prepararam uma marcha em direção ao Rio de Janeiro a fim de protestar junto do govêrno pelo não atendimento a reclamações suas.

Chamaram-lhe "marcha da produção", e aqui se repete o vêzo dos conservadores que insistem em dar a designação de classes produtoras, fôrças vivas e outras semelhantes, aos que vivem à custa dos produtores, não aos que produzem.

Porque convem frisar que a "marcha da produção" não era de trabalhadores. Quem tentou êsse movimento, na sua primeira investida, contido pelas armas do Exército, foram os fazendeiros, os donos das culturas de café, que dizem representar a base da economia daquêles Estados, no que seguem apenas uma espécie de tese nacional que erigiu o café no recurso essencial da economia brasileira.

Outra consideração que o caso sugere é precisamente a da importância talvez exagerada que se dá ao café. O país tem vastas extensões de terra propícia a outras culturas. Até mesmo culturas antes consideradas impróprias dêste clima, já se desenvolvem com ótimos resultados, como a vinha, que, por sua vez, dá lugar à indústria vinícola. O trigo reclama também cuidados e interêsse, porque fornece o pão, alimento principal do povo. E não é nova essa cultura, sabendo-se que já nos tempos da colonização ela dava recursos às populações locais e chegou a ter excelente lugar nas exportações. Sem falarmos no algodão, base da indústria textil e da nova indústria dos óleos comestíveis. E sem falar em muitas outras possibilidades industriais que se abrem para o Brasil de hoje.

Mas a verdade é que se implantou em vastas regiões do País o primado do café, no qual se concentram os interêsses de grandes potentados, de uma classe de fazendeiros ligados ao sistema de exportação que permite malabarismos cambiais fora do alcance de nosso entedimento.

Pois o govêrno tomou, na sua política de câmbio e exportação, medidas que parecem contrariar alguns dos interêsses imediatos dos fazendeiros. E êstes, reclamando incessantemente sem o êxito desejado junto dos ministérios, ameaçaram desfechar uma ofensiva copiada de outros movimentos que tiveram por objetivo mudanças políticas ou revolucionárias.

O govêrno entendeu que os lavradores, pagando impostos para sustentar o Estado, não tinham direito de protestar assim; exatamente como fazem aquêles lavradores, que têm a seu serviço milhares de criaturas sub-nutridas e escravizadas à terra e não lhes reconhecem o direito de reclamar, em termos idênticos, melhor salário e condições de vida melhor.

Os fazendeiros revoltaram-se, e o govêrno pôs diante dêles as suas armas; quiseram usar o direito de percorrer as estradas com caminhões cheios de homens em atitude pacífica, e esbarraram nos carros blindados do exército e nos soldados impassíveis. Foi uma bela lição, não há dúvida. E foi ao mesmo tempo a adesão dos fazendeiros aos métodos da ação direta, sòmente obstada pela fôrça enquanto no seu impulso não assumir fôrça maior.

Note-se o conflito que envolve três elementos do Estado: o govêrno, as fôrças armadas e os representantes da propriedade. Ninguém fala dos trabalhadores rurais, aquêles que formam a camada viva das fazendas e animam e garantem o resultado das culturas; ninguém fala dos pobres sêres condenados a não sair nunca da gleba, dos que não conhecem o confôrto da civilização, dos que, se um dia emigram para as metrópoles, sofrem condições humilhantes como as dos nordestinos, que até já parecem conformados com o apodo de "paus-de-arara" vindo dos caminhões que os transportam.

E, no entanto, êles existem. Não, não foi a revolta das enxadas. Mas o govêrno teve mêdo dela.

Comemoração de Francisco Ferrer

Relembrando o hediondo crime praticado em 9 de Outubro de 1909, pelo infame conluio clerico-militar-capitalista dominante na Espanha, naquela época, como hoje, com o covarde assassinato de Francisco Ferrer y Guardia, o Centro de Cultura Social de S. Paulo promoveu uma sessão em sua sede, R rua Rubino de Oliveira 85, no bairro do Braz.

Essa comemoração realizou-se na noite de 25 de Outubro, tendo como conferencista o professor Breno Di Grado, que estudou a personalidade de Ferrer em seus várias aspectos, evidenciando o grande alcance de sua obra fecunda em favor da educação racional da infância, bem como descrevendo a odiosidade de seu sacrifício pelos elementos da reação.

A sessão foi iniciada pelo companheiro Pedro Catallo e encerrada por Edgard Leuenroth, que também falaram sôbre o vulto empolgante do grande militante libertário, tombado no campo da luta contra as injustiças sociais e em prol de liberdade e bem-estar para todos.

SIA

Está sendo objeto de cogitações entre militantes de nosso movimento a reativação da Solidariedade Internacoinal Antifascista (SIA), organização destinada, como seu nome indica, a prestar ajuda, em tôdas as suas modalidades, às vítimas da reação fascista, que se manifesta, com feição diversa, por tôda a parte.

Nesse caso encontra-se o núcleo ha tempos organizado em S. Paulo.

Esta é a situação: o povo suportando o peso da expoliação dos tubarões dominantes.

Pasternak e o conforto da gaiola dourada

De EDGARD LEUENROTH

Qual é o nosso pronunciamento no caso Pasternak? E' simples — e o de sempre: somos pela liberdade plena de expressão do pensamento, isto é, de concordar ou discordar, de crer ou deixar de crer, usando de todos os meios próprios para esse fim, em tôdas as ocasiões e onde quer que seja. Somos pelo direito de divulgação do que se produz inteletualmente sem a sujeição a conceituações limitadoras que estrangulem a faculdade de pensar.

A liberdade de expressão do pensamento é inerente à integridade da personalidade humana. Sem ela, como existir o escritor? Sem que êle possa expressar o que pensa, como conhecer, sem divulgação, suas concepções? Como saber até onde está certo ou é discutível o que produz?

Na Rússia do Estado todo-poderoso o intelectual é bem pago, como diz o amigo professor Di Grado em sua carta publicada em outra parte do jornal. Isso é verdade. Ganha o suficiente para gozar de um nível de confôrto que a outros não é concedido.

Mas o confôrto de que está cercado o intelectual no regime bolchevista é o confôrto do pássaro encerrado em gaiola feita de fios de ouro com a alimentação servida em vasilhas de fino cristal.

O intelectual na Rússia ganha bem e goza de confôrto, enquanto põe a sua inteligência em função das conveniências do Estado-polvo lá dominante.

O pássaro tem confôrto em sua gaiola dourada para deliciar com os gorgeios de seu cantar a quem impede que suas asas possam brincar no espaço infinito.

O intelectual russo goza o confôrto de boas vivendas para que o que brota de sua inteligência possa legitimar o domínio de uma burocracia atrofiadora que constitui a engrenagem do poder ditatorial imperante na Rússia sob a égide de um princípio de suprema justiça social.

Tudo lá está certo, certíssimo. Tudo lá corre às mil maravilhas. Sob o domínio dos bolchevistas não ha possibilidade de indecisões oriundas da preocupação de acertar; lá não se admitem enganos involuntários, possíveis em quem deve agir, precisa produzir, há de fazer alguma coisa. Não. Na Rússia da ditadura do partido bolchevista, tal como na ditadura do fascismo na Itália (**Mussolini non sbaglia mai**) tudo é perfeito e indiscutível, impedindo a possibilidade de apresentação de apreciações, com alvitres para a correção de falhas objetivando a melhoria das condições da vida da coletividade. Isso é fazer o jôgo dos inimigos, é traição, é crime.

Como, pois, haver quem possa escrever coisas que não reflitam esse regime de **noli me tangere?**

E se aparecer quem se atreva a dizer em livro que "Nem só de pão vive o homem", reclamando ainda o direito de aprender a nadar sozinho, como fêz o escritor Doudintser, provoca a condenação no índex da intelectualidade bolchevista, como agora aconteceu, de maneira mais rumorosa, devido à consagração do prêmio Nobel, com o escritor Boris Pasternak, autor do romance "O Dr. Givago", condenado pelo Santo Ofício pintado de rubro.

Isso aconteceu porque Pasternak fêz seus personagens dizerem coisas e assumirem atitudes que fugiram à pauta literária do bolchevismo, que garante o confôrto do pássaro da gaiola dourada...

Está certo ou errado, é discutível, aceitável ou condenável o que escreveu Pasternak? Como opinar — eu, tu, êles? Haverá, acaso, quem tenha o privilégio da verdade?

Que concluir, então? Com Voltaire: "Não concordo com uma só palavra do que dizes, mas irei até o sacrifício da própria vida para defender o direito de o dizeres".

O MAIOR HOMEM DO MUNDO

Morreu Pio XII! De nada valeram as sumidades médicas. A geléia real desta vez não surtiu efeito. E tampouco adiantaram as preces de milhões de indivíduos, católicos e até de outras religiões. Chegada a hora, Sua Santidade esticou as canelas como qualquer Manuel da Silva sem dinheiro e sem crença.

Morreu o Papa! E na imprensa dos mais variados matizes surgem os necrológios, os ditirambos, as elegias, em palavras de exaltação, quase sempre exageradas, ora sinceras ora resumando hipocrisia. Lemos, por exemplo, em uma revista, que o falecido foi a maior figura dêste século, afirmação, a nosso ver, inteiramente sem base. Antes de mais nada, nenhuma figura humana existe ou existiu que possa considerar-se a «maior». Pode haver quem sobressaia em certo campo, numa ciência, em determinada arte ou em qualquer outra forma de atividade. E há ainda fatores de ordem subjetiva que influem na seleção daquêles que se possam considerar os «maiores» ou os «melhores». Para nós, anarquistas, não seria difícil encontrar nas nossas próprias fileiras figuras como Francisco Ferrer, Pedro Kropotkin e tantos outros que poderiamos colocar, sem desdouro, muito acima do recem-desaparecido pontífice. Mas, não querendo ser acoimados de parciais, dirigimo-nos a outros sectores. Sem procurar muito, vêm-nos à mente três figuras, que se impõem ao respeito e à admiração de todos os que prezam a dignidade humana: Gandhi, Einstein e Alberto Schweitzer.

O primeiro, nascido numa casta elevada, inteligente e culto, com um diploma universitário e uma profissão que lhe permitia aspirar às mais altas posições, tudo largou para dedicar-se à obra de libertação do povo de seu terra. Abandonou a banca de advogado, a vida cômoda, os trajes elegantes e tornou-se um humilde pregador e artezão, alimentando-se frugalmente, manufaturando as próprias vestes, tão simples que foram consideradas impróprias para que o

(Segue na 2.a pág.)

Anarquismo - Aspirações e Propositos

O anarquismo é uma corrente intelectual bem definida na vida atual, e seus adeptos propugnam pela extinção dos monopólios econômicos, e de tôdas as instituições de caráter coercitivo políticas ou sociais, no âmbito da coletividade. Em lugar da vigente ordem econômica capitalista, os anarquistas preconizam a adoção de uma associação livre de tôdas as fôrças produtoras, alicerçada sôbre o trabalho cooperativo, cujo estímulo único seja a satisfação das necessidades de cada membro da sociedade, com exclusão, portanto, de quaisquer interêsses especiais de minorias privilegiadas.

De RODOLFO ROCKER

I

Em lugar das atuais organizações do Estado, com seu complicado mecanismo de instituições políticas e burocráticas, os anarquistas aspiram à organização de uma federação de comunidades livres, que se unam entre si para a realização de seus interêsses comuns, sociais e econômicos, e que resolvam todos os seus problemas através de mútuo acôrdo e livre contrato.

Qualquer pessoa que examina, profundamente, o desenvolvimento econômico e político do presente sistema social, reconhecerá logo que tais objetivos não decorrem das idéias utópicas de alguns inovadores de imaginação. Representam conseqüências lógicas de um estudo aprofundado da presente desordem social. O monopólio moderno, o capitalismo e o Estado, constituem o derradeiro estágio de um processo que só pode apresentar os resultados que aí estão.

O enorme desenvolvimento do atual sistema econômica, que leva a um intenso acúmulo da riqueza social por parte de minorias privilegiadas, e ao contínuo emprobrecimento das grandes massas populares, preparou o caminho à presente reação política e social, e a favoreceu em todos os sentidos. Êle sacrificou os interêsses gerais da sociedade humana aos interêsses particulares e individuais, solapando, sistenmàticamente, as relações entre homem e homem.

Não foi considerado o fato de que a indústria não é fim de si mesma, e que deve, ao contrário, constituir o meio de garantir, ao homem, o seu sustento, além de tornar-lhe acessíveis os benefícios de uma atividade intelectual superior. Onde a indústria é tudo e o homem é nada, começa o reino de um desenfreado despotismo econômico, cuja obra não é menos desastrosa do que qualquer despotismo político.

A ditadura econômica dos monopólios, e a ditadura política do Estado, geralmente totalitário, são produtos de idênticos objetivos sociais; e seus reitores têm a pretensão de reduzir tôdas as várias manifestações da vida social ao ritmo desumano da máquina, e de disciplinar tudo quanto seja orgânico consoante o tom morto do mecanismo político. O moderno sistema social dividiu internamente, em todos os países, o organismo social em classes hostis; e, externamente, quebrou o círculo da cultura em nações inimigas, de tal forma que as classes e as nações se digladiam, umas contra as outras, com evidente antagonismo, e em sua luta constante submetem a vida social das comunidades a convulsões contínuas.

A última guerra e seus terríveis efeitos, que representam, de maneira evidente, as conseqüências de uma luta que objetiva a supremacia do poder econômica e político, ao lado do permanente horror às guerras que já domina todos os povos, são resultados lógicos dêste insustentável estado de coisas, que fatalmente nos levará a uma catástrofe universal se, em tempo hábil, não surgirem outras diretrizes. O simples fato de que a maior parte dos Estados são «obrigados» a desperdiçar entre cinqüenta e setenta por cento de sua produção anual, apenas para a defesa nacional, e para a liqüidação de velhos débitos de guerra, demonstra claramente que a atual situação é insustentável, e deveria ser bastante para evidenciar, a todos, que a proteção do Estado, oferecida aos indivíduos, é excessivamente cara.

A fôrça, sempre em crescimento, de uma burocracia política sem alma; que inspeciona e custodia a vida dos homens, desde o berço até à sepultura, coloca cada vez mais grandes obstáculos no caminho da cooperação solidária entre os homens, e destroça qualquer possibilidade de novo desenvolvimento

Um sistema assim, que em todos os seus atos sacrifica o bem estar de vastas zonas da população, e de nações até, ao apetite egoístico das formas de domínio, e dos interêsses econômicos de minorias reduzidas, está fatalmente destinado a dissolver todos os laços, e a promover uma guerra sem tréguas, de um contra o outro, e de um contra todos.

Êste sistema serviu apenas para preparar o caminho a uma horrenda reação intelectual e social, chamada «fascismo», que supera, em tudo, as velhas monarquias absolutistas, em sua sêde de poder, que pretende submeter tôdas as esferas da atividade humana ao contrôle rígido do Estado.

Assim como a Teologia permite que as religiões proclamem ser Deus tudo, e o homem nada, também esta moderna teocracia política pretende que o Estado seja tudo, e que o cidadão nada represente. E assim como, por de trás da «vontade de Deus» descobrimos as minorias privilegiadas, também sob a capa da «vontade do Estado» encontramos o interêsse egoístico daquêles que se julgam interpretadores da vontade, e capazes de impô-la, mediante a fôrça, ao povo.

O MAIOR HOMEM...

[conclusão da primeira pág]

Papa o recebesse entre as pompas do Vaticano. Perseguido, prêso, maltratado, nunca preconizou a violência, sempre tendo palavras de amor e compreensão. E quando, finalmente, via atingidos os seus objetivos, foi assassinado por um fanático, ao qual ainda perdoou, antes de morrer. Se houve um agiológio da Humanidade, Gandhi nele teria de figurar: Santo Gandhi, apóstolo e mártir!

Alberto Einstein, matemático e físico de renome, com as suas teorias, entre as quais a da relatividade, transformou completamente um vasto setor dos conhecimentos humanos. Homem simples, de grande sensibilidade, violinista apreciável, trabalhou ainda pelo sionismo, e sempre se manifestou contra qualquer forma de opressão ou de cerceamento das liberdades.

Alberto Schweitzer é outra grande figura dêste século. Pastor protestante, músico já famoso (era considerado um dos maiores concertistas de órgão...), escritor, filósofo, dedicou-se ainda à medicina, que se tornou o seu verdadeiro sacerdócio. Tendo à sua frente uma vida de fama e de proveitos, tudo trocou por uma nova tarefa à qual se dedicou inteiramente. Foi para a África Equatorial Francesa e lá, em Lomborene, lugarejo perdido entre as selvas, fundou um leprosário, onde passou a viver entre os negros doentes e ignorantes, numa luta perene contra um meio em tudo hostil!

Gandhi, Einstein, Schweitzer! Um brâmane, um judeu, um protestante! Três pessôas distintas, três vidas paralelas! Inteligentes, cultas, sensíveis, homens de estudo e de ação, de luta e de paz, poderiam escilher o caminho fácil da glória e da riqueza. Preferiram, porém, os abrolhos do desprendimento, da dedicação pelos ideais e pelos seus semelhantes. Êsses, sim, foram, são e serão sempre grandes Homens, dêsses que ainda nos permitem orgulhar-nos da nossa condição de sêres humanos, fazendo esquecer tantos outros que só fazem dela envergonhar-nos.

A. T. U.

Onde comprar "Ação Direta"

Encontra-se à venda, no centro, nas seguintes bancas do Rio:

Na E. F. C. B. (na rampa de saída).

Em frente à Light.

Na Rua Marechal Floriano, esquina de Conceição.

Av. Rio Branco, esquina de Sete de Setembro.

Galeria Cruzeiro, esquina de Bittencourt da Silva.

Av. Rio Branco, esquina de Bittencourt da Silva.

Lapa (ponto de bondes).

Uruguaiana, esquina de Alfândega.

Largo de São Francisco, esquina de Andradas.

Praça Tiradentes, esquina de Carioca.

Av. G. Vargas, esquina de Uruguaiana.

Av. Almirante Barroso, esquina de 13 de Maio.

R. Araujo Pôrto Alegre, esquina de R. do México.

AS CONFERÊNCIAS DO CENTRO DE CULTURA SOCIAL DE S. PAULO

No sábado, 22 de Novembro p. p. realizou-se mais uma conferência promovida pelo Centro de Cultura Social em sua séde, à rua Rubino de Oliveira, 85, no bairro do Braz.

Foi conferencista o professor Dieno Castanho, que é também jornalista e publicitário.

A conferência teve um têma um tanto chocante: "O homem êsse animal estúpido." ("Inteligência sem sabedoria causa principal dos êrros humanos").

Apresentado pelo companheiro Pedro Catallo com acertadas considerações, o conferencista começou dizendo que, certamente, o título dado à sua palestra teria causado espécie — mas êsse exatamente tinha sido seu objetivo.

Não fosse êle publicitário... Incluindo-se na classificação, não podia deixar de concluir ser o homem um animal estúpido, desde que, sabendo o que lhe faz mal, não o evita, conhecendo o que o tiraniza não reage. E foi por aí afora, dizendo coisas interessantes, aceitáveis muitas, e, outras, discutíveis.

E foi o que aconteceu no final de sua interessante palestra, com o debate que se travou, nele participando vários dos assistentes.

Reflexões de um Anarquista

De RAUL VITAL

ATIVIDADES

Os conhecimentos básicos do anarquismo despertaram em mim o entusiasmo peculiar dos idealistas de propagar sua doutrina. As idéias borbulhavam em mim provocando uma febril ansiedade de transmitir os conhecimentos adquiridos e as agitantes emoções sentidas. Apontava os erros da sociedade burguesa em casa, no trabalho, na rua ou onde me encontrasse. E em tudo — visto TUDO ESTAR ERRADO — encontrava motivo para divergência ou discussão. Advogava o direito humano à Liberdade. Combatia a exploração do homem pelo homem. Defendia o interêsse de cada um de acôrdo com suas necessidades. Apontava as misérias sociais e os meios de extinguí-las. Acusava os governantes que galgavam seus postos com falsas promessas para, depois, agirem contra o povo incauto que os elegera. Advertia da má fé pelas religiões, representada por classes parasitárias que tinham como único objetivo iludir seus adeptos com enganosas promessas de uma vida melhor. E falava sempre ardorosamente, merecendo, frequentemente interpretação errónea. Supunham que eu fôsse «comunista» (moscovita). E como desagrada profundamente a qualquer anarquista ser confundido com os apelidados de «comunistas», protestava, enumerando as radicais distinções que nos colocam em posição diametralmente oposta aos falsos comunistas. E, sempre, causava extranheza ao me identificar como anarquista. O sentido pejorativo que emprestaram ao anarquista, que, leigos, ignorantes e mal intencionados entendem ser desordeiro, está bastante generalizado. Ignoram que Anarquismo é «a mais alta expressão da ordem» — na feliz definição de Eliseu Reclus.

O Anarquismo é a forma social mais avançada, a última etapa atingível pela sociedade. Anarquia significa sem govêrno. Sua realização só será possível com o aperfeiçoamento do homem, quando estiver liberto das falhas, das tradições, preconceitos e convencionalismos característicos da civilização gerada no interêsse da propriedade privada.

O assunto é por demais complexo para ser tratado em uma simples croniqueta. Em outra oportunidade prosseguiremos na idéia.

Senti, então, desejo e necessidade de transmitir ao semelhante as concepções alcançadas e comecei a colaborar em «Ação Direta» e, no meu afã de semear idéias, pensei em publicar «O Archote», cuja história contarei da próxima vez.

Significação do Natal

Festa do Solstício e não fábula religiosa

Os solstícios, como se sabe, são as duas épocas do ano — a seis meses de distância uma da outra — em que se registra, alternadamente, a mais longa noite e o dia mais longo.

A época da noite mais comprida é o solstício de inverno. E como, nos dois hemisférios, as estações são inversas, o que é o solstício de inverno para o hemisfério norte é o solstício de verão para o hemisfério sul, e recíprocamente.

Mas os antigos ignoravam que houvesse uma parte da terra onde se tinha o verão em quanto os europeues e asiáticos se achavam no inverno. Julgavam que o nosso solstício de inverno marcava a época da mais longa noite para a Terra inteira.

Em seus mitos solares, faziam nascer o deus Sol no solstício de inverno, no momento em que os dias vão começar a crescer; a sua juventude era no equinócio da primavera; no solstício de verão, raiava em todo o esplendor da sua fôrça; e depois do equinócio de outono, no declinar da sua idade, envolviam-no em fúnebre mortalha as trevas invasoras.

Entre os povos do Oriente, o Sol nascente era representado por um menino ao colo de uma Virgem celeste, sua mãe. Os egípcios, em particular, celebravam todos os anos, no solstício de inverno, o nascimento do pequeno Horus, filho da Virgem Isis, e sua imagem era exposta num presépio à adoração do povo.

* * *

A imperfeição do velho calendário romano, chamado de Numa, era tal, apesar das intercalações periódicas, feitas pelos padres, de um mês complementar de tamanho variável, que no tempo de Júlio Cesar o ano achava-se atrasado mais de dois mêses sôbre a época em que deveria ter começado. O ditador dirigiu-se ao astrônomo alexandrino Sosígenes para reformar tal estado de coisas. Êste, tendo calculado que a duração da revolução da Terra em volta do Sol era de 365 dias e seis horas (enganava-se em cerca de 11 minutos), deu ao ano 365 dias, reservando as seis horas de sobra para formar um trecentésimo sexagésimo sexto dia a ajuntar cada quatro anos; e propôs o princípio do ano no solstício de inverno. Mas Cesar, para não chocar demais os habitantes romanos, quis que o 1.º de janeiro do ano da reforma "juliana" fôsse colocado não no solstício mesmo, mas no dia da lua nova imediata. Ora, nesse ano, a lua nova caía oito dias depois do solstício de inverno. Daí resultou que, no calendário "juliano", o solstício corresponde não ao 1.º de janeiro, mas a 25 de dezembro, como é sabido por todos os colegiasi que têm um quadro dêsse calendário no fim do seu léxico latino.

O dia 25 de dezembro tornou-se pois, no novo calendário impôsto ao império romano, a data oficial da festa que se celebrava um pouco por tôda a parte em honra do nascimento do Sol, de Horus egípcio, do Mithra persa, do Phebo grego e romano.

Ora, cêrca de um século após a época de Cesar, começou a espalhar-se no ocidente o que o historiador Suetônio chama "uma superstição nova e maléfica". A miséria dos escravos, a ignorância das massas, a promessa de uma vida futura bem-aventurada, a espera do fim do mundo anunciado como próximo, trouxeram à nova religião numerosos adeptos. Acabou por ser uma potência, organizou-se em Igreja, e sentou-se no trono imperial com Constantino.

Tomando o lugar dos cultos anteriores, apropriou-se das suas festas, transformando-as para seu uso.

Entre tais festas, quis ter uma que fôsse a da Natividade do seu Cristo. Mas os Evangelhos cristão não indicavam — "et pour cause" — em que época do ano teria nascido o seu mitológico Jesus. Então, da festa do solstício de inverno, fêz a Igreja a festa do Natal, e o menino Horus nos braços da Virges Isis tornou-se o menino Jesus nos braços da Virgem Maria.

"E' bem na realidade — escreveu o sábio Ernesto Havet — da festa do Sol que a Igreja fêz a do Cristo, isto é, o Cristo foi identificado com o Sol."

* * *

Podemos, devemos nós, homens e mulheres emancipados, que deixamos de crer nas fábulas cristãs, celebrar também a festa solstícia? Podemos, devemos fazer a "ceia do Natal"?

Bem sabemos que a significação que podemos dar na Europa à noite do Natal não se pode universalizar, pois os habitantes da África austral, da Argentina, da Austrália, têm o verão, ao passo que nós estamos no inverno; mas não é uma razão bastante para que renunciemos à celebração desta festa no nosso hemisfério. (*)

Sabemos também que o solstício de inverno já não cai agora, como há vinte séculos, em 25 de dezembro; deslocou-se no decorrer dos tempos, três ou quatro dias: êste ano foi em 22 de dezembro. Todavia, como há na verdade, aparentemente, "paragem do sol", e durante três rotações terrestres, os dias, não aumentando ainda, deixam de diminuir, pode dizer-se que na noite de 24 de dezembro ainda estamos sob a influência desta espécie de "calmaria" da "declinação austral" do sol.

Portanto, julgamos poder declarar que, em nossas sociedades européias modernas, a festa do Natal — como tôdas as que trazem uma trégua ao extenuante labor dos salariados — tem a sua razão de ser. Fazendo-a nossa, não nos adaptamos à tradição da Igreja cristã: reconduzimos, pelo contrário, a festa da noite de Natal à sua verdadeira significação, a de festa do Solstício. E' a nós, filhos de pagãos, que esta festa pertence. Retomemo-la aos que a roubaram a nossos pais, e restituamos-lhe o seu caráter profundamente naturalista e humano. Não nos associamos, chegada a noite solsticial de inverno, aos hinos de acões de graças dos fieis de Jesus. Deixemo-los cantar sòzinhos o pretenso nascimento dêsse Redentor que nada redimiu, dêsse Salvador que nada salvou. Não somos dos dêles. Queremos salvar-nos nós próprios. E se cantarmos esta noite um hino há de ser bebendo, como dizia Pedro Dupont, "à independência do Mundo"!

* * *

Esquecei, camaradas, a triste fábula do Cristo; mas continuai e continuemos a festejar o Natal, à glória do Sol da justiça e de igualdade que vai nascer, à glória do dia crescente que triunfa da noite, à glória da próxima primavera, radiante mocidade do ano e do futuro.

Paris, 24 de dezembro de 1880.

JAMES GUILLAUME

(*) Dando-lhe a significação de festa da família já ela pode ser universal. (N. da R.).

PENSAR QUE O ESTADO POSSA SERVIR DE ESCADA, COMO INTERMEDIÁRIO AO SOCIALISMO, E' DESCONHECER COMPLETAMENTE A ORIGEM DO PODER.

ANSELMO LORENZO

AÇÃO DIRETA

Diretor-fundador:
JOSÉ OITICICA
Diretor:
EDGARD LEUENROTH
Administrador:
IDEAL PERES

A publicação de "Ação Direta" está confiada à comissão de quatro companheiros nomeados em reunião plenária, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação.

Tôda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada a IDEAL PERES, para a Caixa Postal 1 (agência da Lapa), Rio de Janeiro.

Em S. Paulo ha uma comissão encarregada do trabalho de arrecadação de recursos, colaboração e da divulgação do jornal.

A exemplo do que acontece com as demais publicações anarquistas, "Ação Direta" menciona o nome de diretor apenas para atender a exigência legal.

TRIBUNA DE DEBATES

Pode ser-se ao mesmo tempo Anarquista e Maçon?

A MAÇONARIA, LONGE DE SER INCONCILIÁVEL COM O ANARQUISMO, TEM SIDO SEMPRE, É E SERÁ UM MOVIMENTO SUBSIDIÁRIO E COADJUVANTE DO NOSSO

De ODUX RAMAN

II

Tanto ou mais que o reconhecimento do seu valor como cientista, contribuiu a sua qualidade de maçon para que o grande anarquista e sábio Peter Kropótkin, depois de evadir-se do presídio de Pedro e Paulo, na Rússia, onde fôra encerrado por seu primo, o tsar de tôdas as Rússias, encontrasse asilo na Inglaterra, onde pôde, com tôda a liberdade, com a proteção da Maçonaria, prosseguir na luta contra o Estado e o Capitalismo, por meio das geniais e imortais obras que ali escreveu e editou. Com Bakúnine, sucedeu coisa parecida: foi graças à sua qualidade de maçon que pôde evadir-se da Sibéria, para onde fôra também deportado. Foi a Maçonaria que lhe preparou a fuga.

A imprensa americana da época publicou também referências à qualidade de maçons dos mártires de Chicago, que subiram ao cadafalso por terem promovido o grandioso levante dos trabalhadores, em prol da conquista do horário de trabalho. Como tantos outros mártires dos nossos ideais, entre os quais não podemos deixar de citar Francisco Ferrer y Guardia, eram, ao mesmo tempo, anarquistas e maçons os mártres do 1.º de Maio, os quais não se envergonharam desta dupla qualidade.

4. Ha falhas na Maçonaria? Claro que ha, mas elas são comuns a tôdas as organizações humanas, sem excluirmos a própria organização específica anarquista. São tais falhas consequência do meio em que vivemos, desta sociedade estatal ou prostitutal baseada no "divinamente corruptor" dinheiro, seja em Londres Washington ou Moscou. A nossa atitude deve ser não a de nos guerrearmos uns aos outros, anarquistas e maçons, mas a de colaborarmos, visto que os objetivos são comuns, permitindo-se apenas a crítica fraternal recíproca, principalmente aos métodos e táticas, jamais porém às próprias organizações ou movimentos. Tenhamos presentes que a história da Maçonaria, que se confunde com a história da luta da humanidade em prol da sua libertação das trevas da intolerância, do fanatismo e da ignorância, está, como a do Anarquismo, cheia de atos de abnegação, de desassombro e de martírio, dignos do respeito de todos os anarquistas. Traidores, tenhamo-lo presente, houve-eos sempre em todos os campos.

5. A Maçonaria, ao contrário do que faz crer o camarada Ávila, longe de obstar à marcha e instauração das idéias anarquistas, é o maior aliado dos anarquistas, pois, mais do que qualquer outra organização, trabalha em prol da implantação da Anarquia, que não virá ao mundo por milagre, mas sim será o resultado de penosos trabalhos, de preparação das massas e das gerações. E êste é o trabalho da Maçonaria que leva a inquietação às consciências, sobressalta os conformistas e os resignados, despertando-os para a análise dos males do mundo e para o estudo das respetivas soluções. Sim, a Maçonaria é o maior aliado do movimento anarquista.

Qualquer de nós reconhece que o ato da organização anarquista da Bélgica foi inspirada no maior zêlo em defesa da pureza das nossas idéias e das nossas táticas. Isso, porém, não a impediu de errar e de cometer um ato de injustiça e de intolerância. Lembremo-nos de que infalíveis são apenas os papas negros (de Roma), vermelhos (de Moscou) e dourados (de Washington)...

NOTA DA REDAÇÃO — Este debate iniciou-se no número 90 de "Ação Direta", prosseguindo nos números de 27 ao presente. No próximo aparecerá um trabalho de Jaime D. M. Barreiros.

O QUE VAI PELO MUNDO

Movimento revolucionário — Suspensão das garantias — Repercussão no meio social-proletário

A situação neste país é cada dia mais desesperadora. Acabamos de passar 6 meses de suspensão das garantias constitucionais, com a correspondente censura da imprensa.

Vive-se em estado de guerra há 14 meses, desde que o dr. Fidel Castro, ex-lider estudantil e advogado, desembarcou com uma fôrça expedicionária de 80 homens na região da Serra Maestra. Atualmnete, seu contingente é de várias centenas de homens, formando um exército rebelde.

Êste movimento tem apoio nas demais cidades do país e realiza atos de sabotagem e terrorismo. A enorme maioria de seus componentes são jovens, cuja idade não ultrapassa os vinte e cinco anos. Comunistas e católicos têm infiltrações nesse movimento, predominando êstes últimos.

O movimento de Fidel Castro é de tipo totalitário, ainda que paradoxalmente lute contra a ditadura estabelecida.

Os estudantes compõem uma facção de idéias liberais, mantêm uma organização de classe, a F. E. U., e constituiram um Diretório Revolucionário de luta efetiva.

Os partidos políticos existentes legalmente, inclusive os de oposição, estão conchavados com o govêrno e popularmente nada significam. O Partido Revolucionário Cubano (PRC) e o Partido do Povo Cubano (PPC) deixarama de existir na realidade, porém, mantêm seus quadros dirigentes no exílio.

O PRC ressuscitou um velho organismo colateral, a Organização Autêntica (OA), que efetua atos de sabotagem e terrorismo, etc. Parte de seus membros cooperaram e participaram do ataque ao Palácio Presidencial.

O partido comunista, denominado Partido Socialista Popular (PSP), já na ilegalidade durante o govêrno anterior a 10 de março de 1952, mantêm seus quadros dirigentes e alguma propaganda, porém, sua política consiste em se infiltrar nos diferentes grupos, especialmente do M 26.

O obreirismo cubano, como quase a totalidade do povo de Cuba, é anti-governamental, porém, a Confederação de Trabalhadores de Cuba (CTC) serve aos interêsses do govêrno.

Há tempos, com a intervenção do movimento libertário, se está tratando de chegar a um acôrdo que faça funcionar conjuntamente todos os grupos operários, o que, na atualidade, quase se tornou efetivo. Anteriormente, já se havia conseguido isso, em princípio, ao criar-se, nos EEUU, a Junta de Libertação Cubana, composta por todos os setores e o Diretório Obreiro Revolucionário, que já estava funcionando em Cuba, porém o rompimento do M 26 com a Junta atrasou êste entendimeneto. Ademais, estamos trabalhando nesse sentido com nossa própria organização, a URO (União Revolucionária Obreira).

HERESIAS...

Joana D'Arc — a feiticeira...
A Inquisição a queimou?
Mas, Roma — a politiqueira —
Curvada, a canonizou.

O Homem que, afirmam, foi feito
Ao seu Criador quase igual,
Mostra-se o mais imperfeito,
E mais corrupto animal...

Os santos não necessitam,
E têm confôrto no altar...
E há crianças que tiritam
Sem roupa, sem pão, sem lar!

PAU-DE-ARARA

Bancários vida penosa entre milhões

Os bancários, ao contrário do que muita gente boa supõe, constituem uma classe sem o previlégio e comodidade da burguesia e com os percalços e misérias da classe proletária.

Na escala social, colocados entre as duas extremas, assemelham-se ao marisco situado entre o mar e o rochedo: levam as piores sobras.

Sendo o bancário o verdadeiro sistema motor da destrambelhada geringonça capitalista, manipula ou vê passar sob seus olhos esbugalhados os bilhões que seus patrões, os banqueiros, ensacam, emquanto que êles, bancários, realizam milagres acrobáticos para equilibrar o salário ridículo com o ionosférico custo da vida.

A tarefa do bancário é de monotonia aterradora, sem perspectiva de integração real, sem o sentimento de verdadeira utilidade à comunidade, sem a alegria de produzir, pois nada de útil produz, sem adaptação possível, porque vive a calcular trilhões de juros em papelório de seus amos, os banqueiros, enquanto que em casa a família tem de apertar o cinto até o último furo, só pode levar à revolta e ao desespêro quando não à neurose.

E foram o desespero e a revolta que fizeram com que os bancários encetassem nova campanha visando novo aumento de sálario pelas vias ordinárias e legais o que equivale dizer pelo sistema passo de tartaruga, com desprezo do recurso positivo da ação diréta.

Êsse movimento serviu para trazer à tona uma estatística dos lucros, notem bem, dos lucros fabulosos dos bancos no primeiro semestre de 1958 e que reproduzimos da revista "Bancario", órgão do sindicato de classe:

Banco da Lavoura, 119.053 milhares de cruzeiros; Andrade Arnoud, 22.929; Minas Gerais, 29.753; Credito Real, 108.470; Boavista, 69.198 Irmãos Guimarães, 34.880; Moreira Sales, 49.146; Nacional de M. Gerais, 184.801.

Por outro lado, sabe-se que 70% dos funcionários desses bancos têm um salário que não chega a casa dos 6 mil cruzeiros.

Temos aí uma pequena amostra da maroscа capitalista, em que fortunas são formadas com operações fraudulentas, agiotagem, enfim o roubo em larga escala que tem o singelo nome de "operações" ou "negocios" que os próprios bancários executam na parte mecânica, bem entendido, para que o financista possa viver regaladamente.

Mechem-se os bancários, essa extranha classe, econômicamente proletária e burguesa socialmente.

— E os banqueiros?

— Ah, os banqueiros, são os banqueiros — e o resto que se fomente...

CURSO DA ARTE DE FALAR EM PÚBLICO

Constituiu uma agradável reunião de convívio social, o ato de encerramento do Curso de "Arte de Falar em Público", promovido pelo Centro de Cultura Social de S. Paulo e que teve como conferencista o professor Breno Di Grado, durando de fins de Julho ao começo de Outubro.

A sessão constou da entrega do certificado de aproveitamento concedido aos que frequentaram 70% das aulas.

Por sua vêz, os contemplados com êsse certificado fizeram a entrega de um exemplar da empolgante obra de Pedro Kropotkine — "Memórias de um Revolucionário", com uma dedicatória ao professor Breno Di Grado e o autográfo de todos.

A interessante reunião terminou com uma parte festiva, cujo programa constou de recitativos, canto e bailados, apresentado por sócios do Centro de Cultura Social e por filhos dos mesmos.

O professor Breno Di Grado falou sôbre a obra da educação popular e três sócios do Centro, um encaminhando os trabalhos, outro expondo a finalidade da reunião e outro, em nome dos frequentadores do curso, oferecendo o livro ao professor Di Grado.

O CASO PASTERNAK

Uma carta à Academia Paulista de Letras

O nosso presado colaborador prof. Breno Di Grado escreveu a carta que abaixo inserinos, expendendo sua opinião a proposito da atitude tomada pela Academia Paulista de Letras em face da degradação a que foi submetido na Russia bolchevista o escritor Boris Pasternak, autor do discutido romance "O Dr. Givago", contemplado com o prêmio Nobel de Literatura.

Tambem registramos, em breves notas, a nossa opinião a respeito, em outra parte do jornal.

O amigo Di Grado diz que, já no preâmbulo, a fim de haver entendimentos, merece ser consignada sua declaração de não ser comunista, visto pender para os princípios da legião dos libertários que, em todo o mundo, vive a atitude ácrata compatível com a dignidade do homem. "E porque ainda destino elevado conceito a êsse sodalgcio, tenho por oportunas e procedentes estas palavras de ponderação e de crítica." E passa a consignar seu parecer, que é o seguinte:

"O ainda recente protesto de seus pares, contra a possível ou eventual "coação" de que foi vítima o escritor Pasternak, nem é lógico nem honesto é. Os senhores não protestam sempre. Não protestarão, nunca, nos casos em que a dogmática "infalibilidade" papal condenar, às inúteis cegueiras do "Index", obra de alto sentido social, ou humano, ou de cultura. Nem dirão nada, contra livros imorais, nem contra essa criminosa literatura infantil que tanto enriquece os livreiros e estiola os brotos tenros de tantos lírios inocentes, què também merecem tutela, ou lembrança, dos acadêmicos de São Paulo.

Nem dizem coisa alguma, ainda, nos instantes em que a nossa civilização democrática permite que legisladores e autoridades oficiais dilapidem reservas fiduciárias do Fundo Nacional do Ensino Médio, ou escamoteiem o Fundo Sindical, ou transfiram, às calendas brasilianas, a aprovação dos Planos e das Diretrizes da Educação Nacional.

Com o dizer nada, pactuam os senhores com as imoralidades do livro "didático", o alto preço do livro, em suas generalidades, o baixo nível cultural, didático e espiritual de boa parte do magistério público e particular, e o mais, além de não sonharem, sequer, com torneios e campanhas que objetivem em verdade um renascimento de nossa cultura, ou um aprimoramento ainda maior das tendências intelectuais de nossa gente.

Não há de parecer ao senhor, que é homem culto e bem intencionado, melhor fôra uma preocupação real, mais permanente e idônea, quanto às coisas de nossa depauperada Democracia, ao alcance de nossos olhos e de nossa compreensão, do que o alimento, extemporâneo e avitamínico, de ódios literários apenas, às Rússias vermelhas e de côres símiles?

Ou não sabem os senhores, ora preocupados em salvar tôdas as "liberdades", que é exatamente a Rússia comunista quem mais e melhor apadrinha a cultura, em todos os seus ramos, e mais condignamente remunera os professôres, em todos os graus?

Evidentemente, coisa antípoda ocorre em nossa desgraçada Pátria, talvez porque viva deitada eternamente em berço esplêndido: as violações são precária e problemáticamente punidas, ainda que se relacionem com as liberdades fundamentais e os senhores não sabem de qualquer banqueiro, em liquidação, ameaçado de cadeia; nem de tubarões que sofram danos; nem de recursos hábeis, de que possamos dispor nós todos, para enfrentar e resolver os problemas que se relacionam com a elevação constante do preço de tôdas as utilidades, com a adulteração dos gêneros de primeira necessidade, dos produtos farmacêuticos, e outros tantos assim.

No caso e na espécie, assistimos a uma demonstração de ampla coerência. A Rússia tem seu regime, tem sua linha justa, e há que oferecer "validade" a seu momento histórico que não comporta burlas, nem pactua com fraudes de qualquer naipe.

Não será nunca uma simples resolução de uma entidade cultural, nem excomunhões papais, nem fuzilamentos, nem priões, nem manifestações esparsas como essa de sua talvez bem intencionada Academia de Letras, que alterarão a infalível, infatigável, permanente e eterna evolução do pensamento humano.

Há incoerência — ou outra imponderável justificativa — nessa atitude caricata de "jus esperneandi" da Academia Paulista de Letras, porque em outras circunstâncias símiles assim não ocorreu. Nem talvez ocorra mais, em dias do futuro. E porque, de qualquer forma eu também contribuo à manutenção dessa casa ilustre, sinto-me na obrigação de chamá-la à ordem, em seus momentos de fraqueza. Que outros, e todos me decepcionem, talvez eu entenda. Mas que um simpósio como êsse me apareça, em público, para "chutar fora", é êrro que ninguem pode compreender ou perdoar. Nem o Papa que morreu há pouco, tão campeão da Paz, que em seu "rico" reinado se desenvolveram, extraordináriamente, as experiências de todos os aparatos atômicos, foi deflagrada a mais ignominiosa de tôdas as guerras, e lá ficaram, em Hiroshima, as evidências do amor cristão.

A par da incoerência, encontro ainda, na atitude do colégio acadêmico, um ato de covardia mental. Êle me lembra que os senhores nunca dirão coisa alguma, contra o Franco dos fuzilamentos, que se processam sob a égide da ONU, em época em que esta instituição tenta impingir-nos a idéia de que tôdas as liberdades, fundamentais ou não portanto, devem ser asseguradas ao homem. A Espanha me evoca Ortega y Gasset, entre outros, e êsse magnífico Francisco Ferrer, cuja Escola Moderna se destinava à preparação integral dos homens de amanhã, muito ao contrário da símile que aí está e aí fica, apta a incrementar o advento de uma hora transviada, que vai digerir a geração coca-cola de nossos dias; e capaz quase que tão sòmente de preparar legiões de incapazes, cujos exemplos posteriores, e únicos, de virtude, será sempre a obtenção de um apadrinhamento, para um cargo público, ou a emissão de cheques sem fundo, ou o carreirismo político, ou a carreira militar de um exército cada vez mais improdutivo.

O mundo, imortal acadêmico, encontra-se cheio de pessoas que se desorganizam; que se aviltam; que perdem os roteiros éticos e estéticos de tôdas as caminhadas; exatamente porque se calam. Porque enclausuram, em literatices de miopes, os brados de suas consciências. E porque se limitam a evidenciar uma coragem que não possuem, através do quixotismo de telegramas vistosos".

Através do Movimento Libertário

PERU — Dentro das mais lídimas tradições libertárias, a Federação Anarquista do Peru vem desenvolvendo intensos esfôrços no sentido de levar ao povo peruano as inquietudes libertadoras e a vontade de superar-se cultural e economicamente.

SUIÇA — "Il Risveglio Anarchico" (Casella Postale 44, Eaux-Vives, Ginevra) é o velho periódico fundado por Luigi Bertoni e que vem aparecendo com regularidade. E' impresso em duas linguas, francês e italiano, atendendo às peculiaridades do país.

URUGUAI — A Federação Anarquista do Uruguai (F. A. U.) realizou um vigoroso protesto contra a visita de Mr. Nixon a Montevidéu. Milhares de prospectos, contendo frases contra o imperialismo Russo e contra o imperialismo Yankee, foram espalhados à passagem do carro do representante da plutocracia americana e distribuídos por tôda a cidade.

O 1.º de maio foi comemorado, em praça pública, com um grandioso comício da F. A. U., do qual, participaram vários oradores, entre os quais Rubens Barcos, Gerardo Gatti, Hugo Cores, Elbia Leite, etc.

"Lucha Libertária" (Casilla de Correo 1403 — Montevideo), é o orgão da F. A. U., que sai mensalmente, com oito páginas e excelente colaboração.

"Voluntad" (Casilla de Correo 637 — Montevidéo) é outra excelente publicação da Agrupação Anarquista, que aparece mensalmente, com oito páginas, ilustração a cargo do artista Juan Pardo. A publicação apresenta um marcado aspecto doutrinário.

Hoje o cristianismo, sob tôdas suas diferentes formas ,e com êle essa metafisica doutrinária, deista ou panteista, que não é senão uma teologia mal ataviada, constituem, em conjunto, o obstáculo mais formidável a emancipação da sociedade.

Miguel BAKUNINE

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

AÇÃO DIRETA

ANO 13 — N.º 131 — DEZEMBRO DE 1958

O Povo Protesta e Reclama

A ação direta está presente na vida do País. O Povo, cançado de tanta exploração, começou a reagir, transformando a praça pública em parlamento livre — para protestar contra os expoliadores e reivindicar diretamente os seus direitos vilipendiados. As chamas já iluminaram destroços consequentes de atos de desespero. Violências vitimaram manifestantes. Corpos foram para os necrotérios. E com o sangue do povo começa a ser historiado mais um negro episódio do domínio dos tiranos e exploradores contra os produtores oprimidos e explorados.

O povo, já bastante escorchado por tôda a espécie de explorações e roubalheiras, desde os aluguéis astronômicos ao elevado custo de vida, tem agora aumentados os preços das passagens de bondes e outros meios de condução.

Justamente agora, sob o domínio da grave crise provocada pelo desarranjo da geringonça capitalista, agrava-se ainda mais a vida da classe trabalhadora; quando há fábrics que se fecham, é que se lembram os responsáveis pelos serviços públicos, de aumentar o preço das passagens das conduções, numa atitude acintosa e provocadora.

Não bastam ao povo o tormento das filas, a falta de casas para morar, o preço elevado de todos os artigos de primeira necessidade: é preciso arrancar-lhe as migalhas dos parcos salários, tornando-lhes mais caros os meios de transporte de que necessita para ir para as oficinas e fábricas a ganhar o pão de cada dia.

Entretanto, milhões de cruzeiros são gastos para manter o parasitismo político, dando ao povo espetáculos degradantes de falatórios imúteis e lavagem de roupa suja no recinto parlamentar.

Porque não se revertem esses gastos supefluos, e outros gastos absurdso também feitos com o parasitismo da burocracia governamental, existente apenas para atender ao filhotismo político, em beneficiar o povo, dando-lhe transporte decente e comodo, escolas gratuitas e assistência para todos?

Não saem do povo, em forma de impostos, cada vez mais escorchantes, os dinheiros que gão gastos para manter êsse parasitismo oficial?

O povo é que tem de pagar todos os excessos das ladroeiras políticas. Êle é sempre o único atingido nas aperturas do minotauro estatal, que não se cansa nunca de exigir mais sacrifícios, embora o povo fique reduzido à fome e fique nú.

O aumento dos preços das passagens em bondes e ônibus não se justifica. Se é preciso reajustar os salários dos empregados em transportes, o que é justo, e, de fato, necessário, que os meios para isso sejam procurados nos excessos dos gastos esbanjados com o parasitismo oficial. E ainda sobrará muito dinheiro...

Para pôr termo a essa situação de geral desmoralização nada ha a esperar da burocracia parasitária dominante.

Somente os trabalhadores, organizados e com a ação direta, poderão resolver o problema dos transportes — como todos os demais que estão exigindo solução.

Felizmente, já se começa a compreender essa grande verdade social.

As agitações que se estão manifestando por todo o País são a demonstração de que a paciência do povo já se vai esgotando.

Na capital da República, em cidades do Norte, do Sul e do Centro verificam-se grandes demonstrações populares de protesto contra a exploração sem limites dos tubarões e de reivindicação de providências imediatas e radicais no sentido da situação ser prontamente melhorada.

Em vários centros mais importantes o povo foi atacado, havendo mortos e ferides.

A ação do povo já tem sido bastante enérgica, reclamando que as Câmaras federais, estaduais e municipais ponham imediatamente em prática as medidas que se tornarem necessárias.

Mas isso só será conseguido se o povo não esmerecer e continuar agindo, por meio da ação direta, na defesa de seus direitos.

No Reino da Ditadura Salazarista

Verdadeira significação da carta do Bispo, Prisões, Condenações, Multas

A TAL CARTA...

O Bispo do Pôrto acaba de escrever longa carta ao odioso ditador Oliveira Salazar, atacando o seu tirânico regime. Na impossibilidade de publicá-lo nos jornais portuguêses sujeitos a censura prévia, enviou cópias a vários jornais no exterior. A carta caiu como uma bomba nos meios políticos, pelos seus trechos de expressivo combate ao regime corporativo. Há, porém, esta verdade: o bispo não foi norteado por idéias liberais ou por nobres sentimentos a favor do povo espesinhado e amordaçado. O "farrapão", o "esfomeado" pouco lhe interessam. Seu objetivo é o de impedir a revolução, que será fatal para o ditador e para a Igreja. Seu protesto é o da igreja, que se está vendo abandonada pelo povo, que a considera como realmente é, a principal responsável pelo regime terrorista de Salazar. O bispo quer ficar de bem com Deus e com o Diabo. Sugere agora uma transição do regime ditatorial para uma democracia cristã. E isto será o peor que pode acontecer ao povo português. A ditadura precisa ser derrubada por uma revolução profunda e radical, que destrua totalmente a máquina do Estado Novo, e faça desaparecer os focos de ladrões e assassinos, escondidos nas sociedades anônimas, nos grêmios e nos antros da "Pide".

O bispo do Pôrto só agora se penalizou pelo povo esfomeado, quando o mesmo se afasta da Igreja em sinal de protesto, quando os padres iniciavam comicios politico-fascistas em vez de missas. Só agora percebeu que o povo está sujeito à mais negra miséria e à mais terrível escravatura. Não nos ilude o moralista católico, homem que silenciou quando dos "heróicos" assassinos nas sedes da "Pide" e das deportações para o Tarrafal. Nessa época sua Igreja ainda era forte lado a lado com o ditador Salazar, por isso, não tinham dúvida em concordar com os assassinatos. Hoje, quando o ditador está na defensiva, quando êle já não pode atacar, o bispo, que o mesmo é dizer a Igreja, vem falar de coisas que sempre apoiou. Acordou tarde!...

O povo saberá reagir à altura e desmascarar os tartufos que compõem a ditadura de Cerejeira-Salazar.

AS VIOLENCIAS

Telegramas recentes, procedentes de Lisbôa, noticiaram a prisão de vários inteletuais de nomeada na vida cultural de Portugal.

No Pôrto foram condenados por atividades "subversivas": dr. Manuel Augusto Domingues de Andrade, a quinze meses de prisão, 3.000$00 de multa e 2.000$00 de impôsto de justiça; José Maria de Oliveira Gouveia, a um ano de prisão, 1.000$00 de multa, perda do exercício das suas funções públicas e 1.000$00 de impôsto de justiça; dr. Mario Emilio Morais Sacramento, a um ano de prisão, 7.000$00 de multa e 2.000$00 de impôsto de justiça.

Os jagunços da "Pide", (policia política) continuam prendendo os discordantes do regime fascista de Salazar e não esquecem os espancamentos e as multas, na mira de ajudar seu amo a equilibrar as finanças. Os tribunais continuam cobrando aos prisioneiros escudos e mais escudos. E' a paga da sua obediência à Policia, por ordem de quem funcionam.

Em Lisboa, acusado de fazer propaganda "subversiva", foi condenado Francisco Lopes Cipriano a desoito meses de prisão, mil escudos de impôsto de justiça, e ainda por cima sofreu a aplicação da "medida de segurança" (equivalente a prisão perpetua), por periodo indeterminado.

Decorridos alguns dias, nova comédia policial se representou no Tribunal Plenário desta capital. Foram julgados e condenados por fazer "propaganda subversiva": Francisco Matias Rodrigues e Maria Fernanda do Patrocinio, a três anos de prisão, e vinte e quatro meses, respectivamente, acrescida de "medida de segurança".

A "gestapo" de Salazar continua prendendo, para fazer jús aos escudos que recebe do govêrno. Não sentem que o dinheiro está manchado de sangue.

Em Guiné, na Provincia Ultramarina da Guiné foram criados postos da "Pide" em S. Domingos, Cachou, Incorei, Catió, Cacino, Fulacunga, Bafatá, Contubo-El, Farim, Guidago, Bengone, Gabu, Bafucunda, Buruntuma, Paunca, Can-Quelefá e Pirada.

O ditador português pretende, como várias vezes o tem feito naquela ilha, permitir assassinatos de discordantes às centenas. Agora, os colonos que se revoltarem serão fuzilados pela "Pide", ao contrário do que aconteceu em 1951, quando foram lançados ao mar mais de meia centena de uma só vez.

CONFERENCIA LIBERTÁRIA NACIONAL

Despertou interêsse a iniciativa da realização de um encontro de elementos libertários de todo o País, para o estudo de medidas a serem postas em prática no sentido de desenvolver a propaganda de nossos princípios.

Já foram recebidas várias cartas contendo o pronunciamento de companheiros opinando a respeito. E' conveniente que os companheiros de todo o Brasil nos escrevam transmitindo o seu parecer, com a brevidade necessária.

Ecos das Ultimas Eleições

De OSVALDO SALGUEIRO

Uns quinze dias antes das últimas eleições, resolvi ir até ao Rio de Janeiro com o intuito de matar dois coelhos, ou melhor, um coelho e uma raposa, com uma só paulada: rever os amigos, dos quais já estava com bastantes saudades, e, por outro lado, fugir, tanto quanto me fôsse possível, ao sórdido e atordoador barulho da propaganda eleitoral. Porem, quando alí cheguei, desde logo tive a triste notícia, através do telefone, do falecimento de dois bons amigos: o nosso caro companheiro João Peres, e Carlos Moura, marido da saudosa escritora Maria Lacerda de Moura, que, diga-de passagem, se pelo pensamento, não foi integralmente libertária, jámais deixou de sê-lo pelo coração.

Afim de afugentar a tristeza que então de mim se apoderou, por um momento filosofei, de mim para mim, sôbre a vida e a morte, fenômenos que devemos aceitar com serenidade, porque estão dentro da ordem natural das coisas.

Mas fui para a rua. Fui para a rua, apressurado, levado pelo presentimento de que mesmo o barulho, qualquer barulho, me serviria para espairecer.

Depois de alguns dias, procurei refugiar-me em Cabo Frio. Pela estrada afora a propaganda eleitoral nos afrontava os ouvidos e os olhos, não apenas nos lugarejos, através de microfones e cartazes dependurados por tôda parte, mas até com papeis colados nos troncos das arvores nas margens das florestas.

"E ainda há quem afirme — ia eu pensando para com os meus botões — que os políticos não sabem trabalhar com eficiência..."

Quando entrei no hotel, veio encontrar-se comigo um senhor idoso e, pelo seu modo de andar, percebo haver sido v,tima de uma trombose.

— Bem vindo a Guimarães — diz-me êle, risonho.

— A Guimarães? Por que Guimarães?

— Eu sou de Guimarães. E, se um dia fôr a Portugal, não deixe de ir à minha terra e de visitar o Hotel Cavalinho, que foi de meu pai. Estou aqui há muitos anos e sinto-me brasileiro; mas nasci em Guimarães. E Cabo Frio é a minha Guimarães.

Lá fora, ouve-se, de quando em quando, um disco que, através de um alto-falante, nos fere os tímpanos com a espessa voz do sr. A. de Barrros que, encarecidamente, pede aos seus patrícios eleitores não se esquecerem dêle, porque hoje, mais do que nunca, carece dos seus votos. Sim, se não me falha a memória, diz mesmo mais do que nunca. Por que mais do que nunca? Enfim, êle o saberá melhor do que ninguém...

Entretanto, um vento frio e zombeteiro parece divertir-se, fazendo rodopiar em agitadas espirais os papeis e estraçalhando as faixas da propaganda eleitoral.

O mar está esplêndido e todo ornamentado de pontos brancos como se fossem tufos de algodão em rama. Mas na praia o vento é mais violento e com sarcásticos gemidos atira-nos aos olhos e pela boca a dentro uma areia fina e alva como açucar refinado.

Dir-se-ia que os próprios elementos sentem o desejo, já que não os homens, de se revoltarem, não apenas contra os elaboradores da arte de enganar os povos, mas até contra os que nada têm que ver com o peixe.

Na manhã seguinte, o vento fêz-se mais gélido e gemebundo a ponto de não me deixar sair do hotel. Resolvi, portanto, regressar ao Rio.

Ao atravessar a Guanabara, dois indivíduos, sentados à minha direita, conversavam sôbre política e um dêles corria as vistas pelas páginas de "Ultima Hora". O outro perguntou-lhe porque lia aquêle jornal e êle respondeu que devido a apreciar um de seus colaboradores, cujo nome pronunciou. Trocaram idéias em tôrno da orientação da referida fôlha, mas não chegaram a um perfeito entendimento de se saber se é trabalhista, comunista, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Por fim, falaram da UDN, isto é, comentaram o fato desta agremiação política haver afirmado que, se lhe entregarem o País, no fim de alguns anos, relativamente poucos, o devolveriam nos seus devidos eixos. E acabaram por concordar que os políticos são todos uns pândegos. E um dêles disse que é preciso chegarmos a um dia em que todo o mundo anule as cédulas dos votos com dizeres como tais: "Vai pegar na picareta!", "vai carregar piano!", etc.

No dia seguinte, achando-me, às nove horas, no largo da Carióca, compro um jornal e, sob a ação de um calor de rachar, como diria Eça, resolvo pegar o bonde do Silvestre, porque um passeio a S. Tereza é sempre agradável, mormente nos dias de canícola. Enquanto o bonde, sinuoso, sobe a montanha, volvo as fôlhas do jornal e deparo com uma crónica do excelente cronista Rubem Braga, na qoal leio estas palavras: "Um candidato enrolou-se na própria faixa eleitoral e disse que aquêle era o sudário da Democracia, e se enterrou em uma urna funerária que, no fundo, como todas as urnas, era um saco.

"As cédulas começaram a esvoaçar em torno da campa qual estranhas borboletas. Um homem pobre e desorientado pediu que lhe dessem a carta, não a carta do hemisfério, mas a carta de Vargas, para se orientar. Mas os herdeiros tinham rasgado a carta na briga, e então um senhor de voz rouca disse: não me aborreçam, eu vou votar em Mozart Lago! Alguém lhe perguntou se êle conhecia Mozart Lago, e êle respondeu que não. Mas um detetive particular murmurou: eu acho que êle é o próprio Mozart Lago. O que depois não foi confirmado".

E quem é Mozart Lago? Eu também não sei. E essa infinidade de eleitores que vegetam por êste pobre Brasil além, saberão, por ventura, quem são os Mozart Lago nos quais votam?

Mas lá em cima a temperatura era me muito agradável sob a sombra das frondosas árvores, pelo que, não sentindo mais vontade de ler, dei de contemplar as jaqueiras com os seus enormes frutos dependurados como se fôssem testículos de touros.

O bonde tinha chegado ao ponto final e, depois de haver descido, dou logo de cara com um cartaz colado em um poste, no qual está estampada a figura de um soldado, de capacete enterrado até às orelhas, de cenho um tanto carregado, apontando-nos com o indicador. O cartaz tinha o formato da primeira página de jornal, com o seguinte título: "Revista Trabalhista". E a seguir: "Trabalhador, consulte a tua (sic) consciência e para deputado vote em Eurico de Oliveira".

Quem é Eurico de Oliveira? Diz-me o motorneiro que é um boa-vida qualquer.

Desço no mesmo elétrico. Dois senhores trocam falação em torno do PSD, do PTB e não sei se de outros PP, que são muitos porque a mamata é boa. Ouço a palavra Vargas e um garôto que os acompanha pergunta ao papai se ainda há quem vote em Luthero Vargas. Tal interrogação, terminando em tom exclamativo, eu a ouvi muitas vêzes, aqui em S. Paulo, mesmo em bocas de crianças, com relação ao sr. A. de Barros. Entretanto, este candidato teve a votação que se viu.

Certa noite, escuto um barulho infernal que, à medida que de mim se aproxima, torna-se mais ensurdecedor. E', na última noite da propaganda eleitoral, (ainda bem) o préstito da UDN que vem pela Avenida Copacabana. Um grupo de rapazolas, que parece serem do samba e que, talvez, pensam já haver chegado o Carnaval, postam-se no cruzamento da mesma avenida com a Rua Miguel Lemos e com os seus exóticos instrumentos fazem coro com o berreiro e o foguetório dos udenistas.

E viva a democracia!

— Qual democracia? A do sudário?

— Eu sei lá!

COMEMORAÇÃO DA REVOLUÇÃO ESPANHOLA EM S. PAULO

Em comemoração à data de 7 de Novembro, que relembra a heroica defesa de Madrí, durante a revolução de 1936 a 1938, realizou-se uma sessão, na tarde de domingo, 9 de Novembro, no salão do Centro Democrático Espanhol, promovida por esta organização e pelo Movimento de Libertação Espanhola. Essa comemoração destinou-se também para prestar uma homenagem póstuma ao general José Miaja, comandante de destaque das forças que combateram contra os elementos da reação, que, infelizmente, conseguiu implantar seu odioso regime na Espanha.

Falaram oradores de ambas as organizações promotoras do ato, descrevendo a luta heroica sustentada pelos homens livres da Espanha contra as forças da tiraniia.

ANARQUICO E' O PENSAMENTO E PARA A ANARQUIA CAMINHA A HISTÓRIA.

GIOVANI BOVIO

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis